SONDAGEM
ESPECIAL
104

JORNADAS E ESCALAS DE TRABALHO NA INDÚSTRIA

CNI Confederação Nacional da Indústria

CNI Confederação Nacional da Indústria

SONDAGEM
ESPECIAL

104

JORNADAS E ESCALAS **DE TRABALHO NA INDÚSTRIA**

BRASÍLIA-DF
2026

© 2026. CNI – Confederação Nacional da Indústria.
Qualquer parte desta obra poderá ser reproduzida, desde que citada a fonte.

CNI
Diretoria de Relações Institucionais
Superintendência de Relações do Trabalho

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)

S698

Sondagem especial [Recurso eletrônico] / Confederação Nacional da Indústria, v. 18, n. 104 (jun. 2026). – Brasília : CNI, 1999-.

Publicação contínua a partir de 1999.
ISSN 2317 7330

1.Jornada de Trabalho 2. Escala 6x1 I. Título.

CDU: 33(81)

Elaborado por Alberto Nemoto Yamaguti - Bibliotecário - CRB-1/2396

CNI
Confederação Nacional da Indústria
Setor Bancário Norte
Quadra 1 – Bloco C
Edifício Roberto Simonsen
70040-903 – Brasília – DF
Tel.: (61) 3317- 9001
Fax: (61) 3317- 9994
http://www.cni.com.br

Serviço de Atendimento ao Cliente – SAC
Tels.: (61) 3317-9989 / 3317-9992
E-mail: sac@cni.com.br
www.portaldaindustria.com.br

SUMÁRIO

RESUMO EXECUTIVO 7

1. Introdução 8

2. Perfil da indústria: jornada, turnos e escalas 9

3. Percepção da indústria sobre redução da jornada e fim da escala 6x1 e seus impactos para o setor 12

ISSN 2317 7330 • Ano 26 • Número 104 • Junho 2026

RESUMO EXECUTIVO

AUMENTO DE CUSTOS, PERDA DE COMPETITIVIDADE E REDUÇÃO DA PRODUÇÃO - INDÚSTRIA PROJETA IMPACTOS NEGATIVOS DA REDUÇÃO DA JORNADA E FIM DA ESCALA 6X1

- **85%** **das indústrias** adotam a jornada semanal de 44 horas.
- **97%** **do setor** seria impactado por redução legal da jornada.
- **85%** **da indústria** projeta aumento de custos com empregados.
- **82%** estima aumento de custos **com fornecedores.**
- **70%** **da indústria** prevê perda de competitividade.
- **68%** **do setor** vê risco de queda do volume de produção.
- **73%** **das indústrias** rejeitam a redução da jornada.

A Sondagem Especial da Indústria sobre redução da jornada de traballho e fim da escala 6x1 revela que **97% do setor seria impactado** por uma eventual redução legal da jornada. Destaca-se, ainda, o papel da **negociação coletiva,** responsável pela definição da jornada em **37% das empresas,** especialmente entre médias e grandes.

No que se refere às **escalas de trabalho,** cerca de **30% das indústrias utilizam a escala 6x1,** e **quatro em cada dez** adotam algum tipo de **escala de revezamento,** sobretudo na linha de produção. Esse quadro reforça a heterogeneidade dos arranjos produtivos.

Diante das propostas em debate, o setor industrial indicou **posição majoritariamente contrária** à redução da jornada e à proibição da escala 6x1 por imposição legal: **73% das empresas rejeitam a redução da jornada para 40 horas,** e **57%** são contrárias à vedação à escala 6x1.

Ademais, as expectativas quanto aos impactos são predominantemente negativas. A maioria das indústrias acredita que as mudanças provocarão **aumento de custos com empregados (85%), elevação de custos com fornecedores (82%), perda de competitividade (70%) e queda do volume de produção (68%).** Também é elevado (34%) o percentual que prevê a ocorrência de **impactos sobre benefícios negociados coletivamente.**

Quanto à severidade, predominam avaliações de **impacto alto ou médio** sobre a folha de pagamentos, a produção e a competitividade. As empresas também apontam dificuldades relevantes na reorganização de escalas e na criação de novos turnos de trabalho.

Para se adaptar, as indústrias indicam como principais possibilidades o **repasse de custos ao consumidor,** o **investimento em automação** e a **redução de reajustes salariais ou promoções**. Além disso, **46% das empresas afirmam que mudanças na legislação modificariam suas decisões atuais de investimento e expansão,** proporção mais elevada entre as pequenas indústrias.

Em síntese, a sondagem evidencia que a indústria brasileira indica **riscos econômicos e produtivos relevantes** associados à redução legal da jornada e à proibição da escala 6x1.

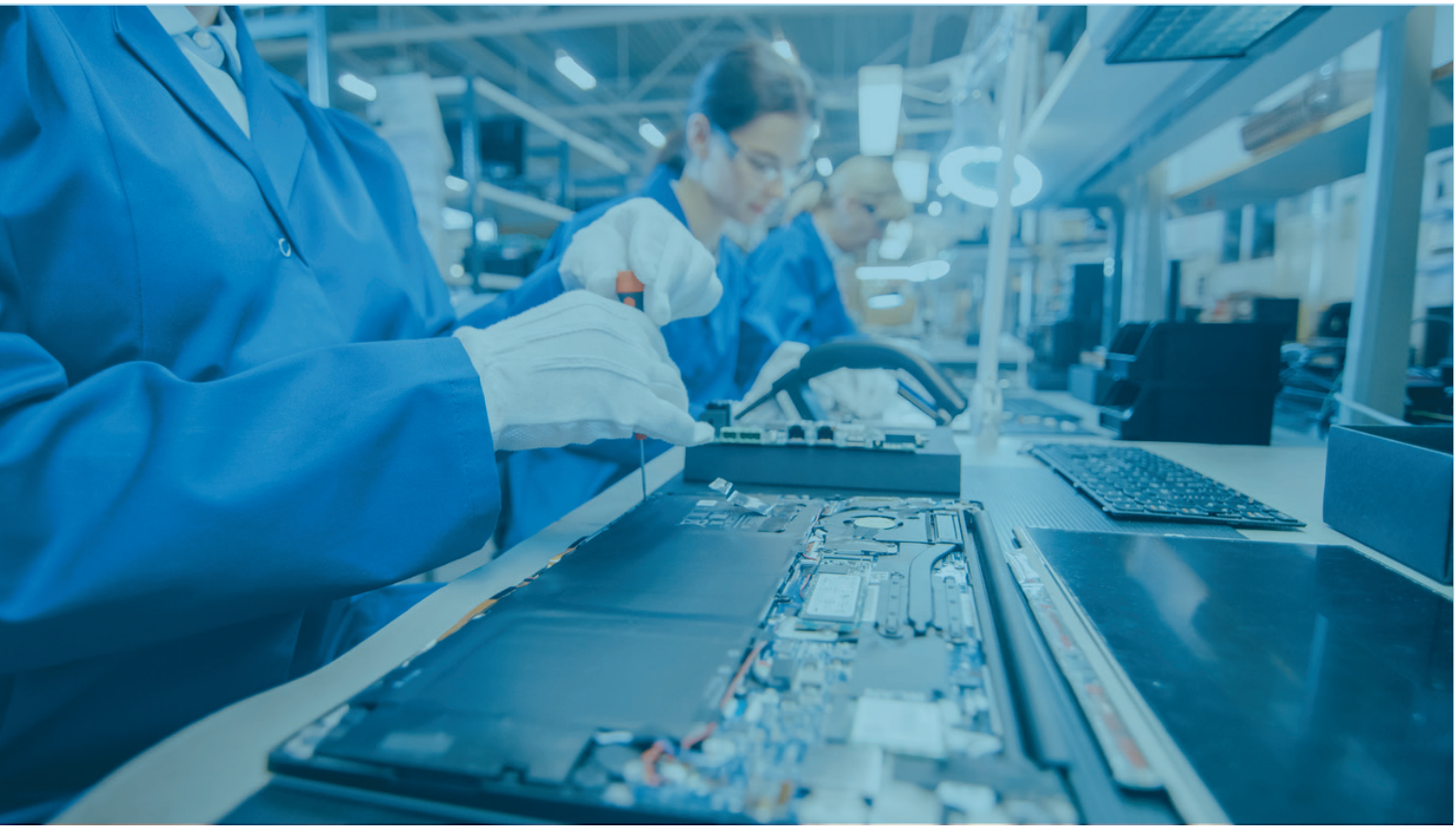
ISSN 2317 7330 • Ano 26 • Número 104 • Junho 2026

1 INTRODUÇÃO

O tema da redução por lei da jornada e do fim da chamada escala 6 por 1 (no mínimo um dia de descanso por semana e até seis trabalhados) tornou-se o assunto central das discussões trabalhistas no Brasil em 2026.

Diante disso, a CNI percebeu a necessidade de alcançar a perspectiva do setor industrial sobre a proposta, pois se trata do setor responsável por 27,9% do emprego formal no setor privado, ou seja, dos 40,8 milhões de trabalhadores formais no setor privado, 11,4 estão na indústria (RAIS, 2025). Por isso, considerou muito importante questionar às indústrias diversos aspectos que envolvem o tema para o setor.

O resultado dessa Sondagem Especial será apresentado a seguir, iniciando-se com um perfil do setor no país quanto à jornada e às escalas de trabalho. Em seguida será apresentada a visão da indústria sobre as consequências de eventual redução de jornada.



ISSN 2317 7330 • Ano 26 • Número 104 • Junho 2026

2 PERFIL DA INDÚSTRIA: JORNADA, TURNOS E ESCALAS

Impacto em larga escala: quase todas as indústrias preveem impacto direto da redução da jornada e fim da escala 6x1

A Sondagem Especial nº 104 revela que o perfil da indústria, no que importa à organização do trabalho, é variado. São diversos os arranjos de jornada, escalas de trabalho e turnos, mostrando a heterogeneidade do setor industrial na sua organização produtiva.

Destacam-se, primeiro, os dados em relação à duração do trabalho. Dentre as empresas que responderam qual o regime semanal de trabalho adotado para os empregados envolvidos diretamente na linha de produção (também chamado de "chão de fábrica"), 85% das empresas industriais responderam adotar 44 horas como regime semanal. Outros 12% têm regime semanal entre 40 e 44 horas. Na soma, 97% das indústrias seriam impactadas diretamente pela medida. Apenas 2% das indústrias adotam regime entre 36 e 40 horas semanais, e 1% alguma outra espécie.

Dentre os diferentes portes da indústria há variações. Proporcionalmente, o grupo das médias empresas é o que tem maior percentual de indústrias cujo regime semanal de trabalho dos empregados envolvidos diretamente na produção é de 44 horas semanais: 89%. As grandes empresas têm a menor proporção: 82%. Mas as grandes empresas é também o grupo com maior percentual de trabalhadores em jornadas entre 40 e 44 horas semanais, bem como entre 36 e 40 horas, conforme mostra o gráfico 2. Além disso, esse grupo, com 1% das empresas, é o único que adota em sua linha de produção regime de trabalho entre 30 e 36 horas.

Gráfico 1 – Indústrias, por porte, participantes da Sondagem

Número de empresas = 1.505

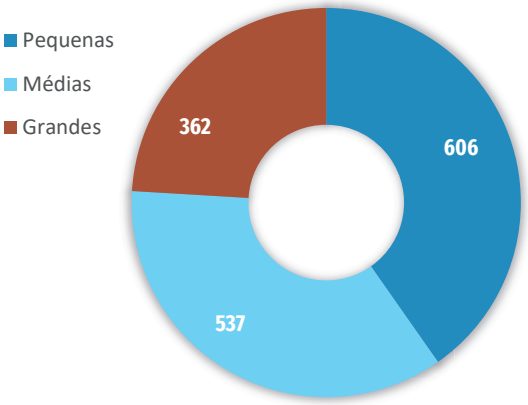
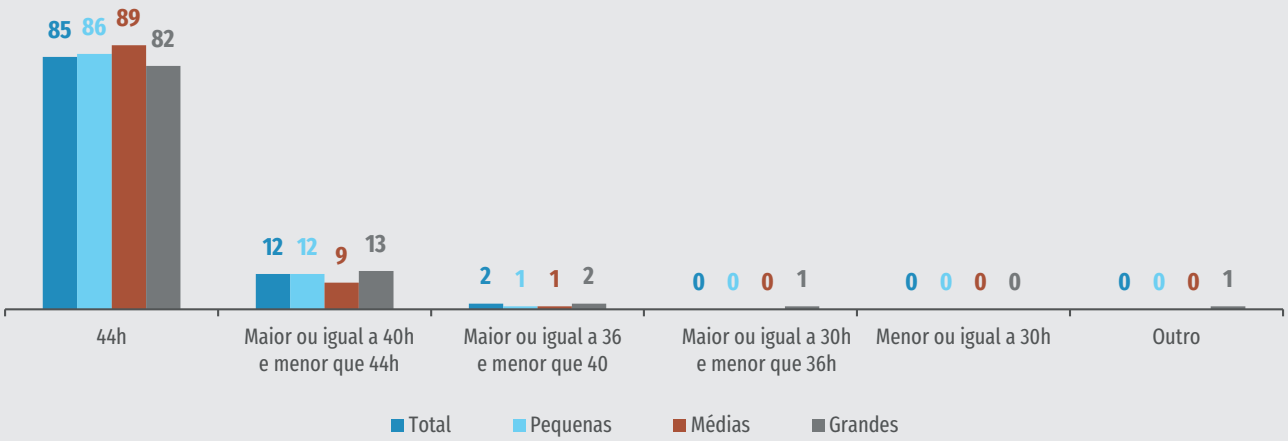


Gráfico 2 – Regime semanal de horas de trabalho dos empregados envolvidos diretamente na linha de produção da empresa ("chão de fábrica")

*Percentual (%) sobre total de respostas válidas**



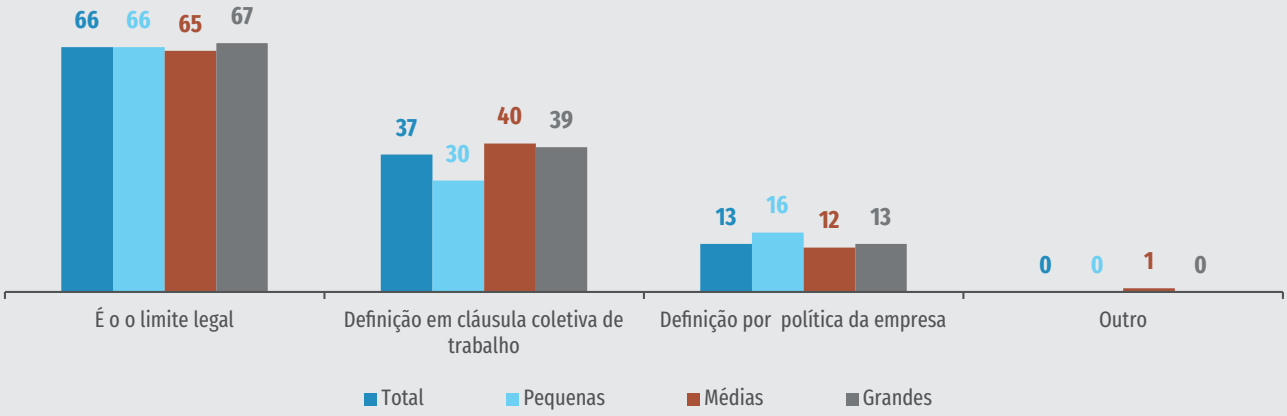
* Excluindo empresas que responderam "Desconheço ou não sei opinar".

ISSN 2317 7330 • Ano 26 • Número 104 • Junho 2026

Perguntadas sobre o motivo de adotarem seu regime de trabalho, a maioria das indústrias indicou ser o regime previsto em lei: 66%. No entanto, dentre as médias e as grandes 40% e 39% delas, respectivamente, têm limite semanal definido por meio de negociação coletiva. No total das indústrias, quatro em cada dez definem a duração semanal do trabalho por negociação coletiva.

Gráfico 3 – Motivo pelo qual a empresa adota determinado regime semanal de trabalho

*Percentual (%) sobre total de respostas válidas**



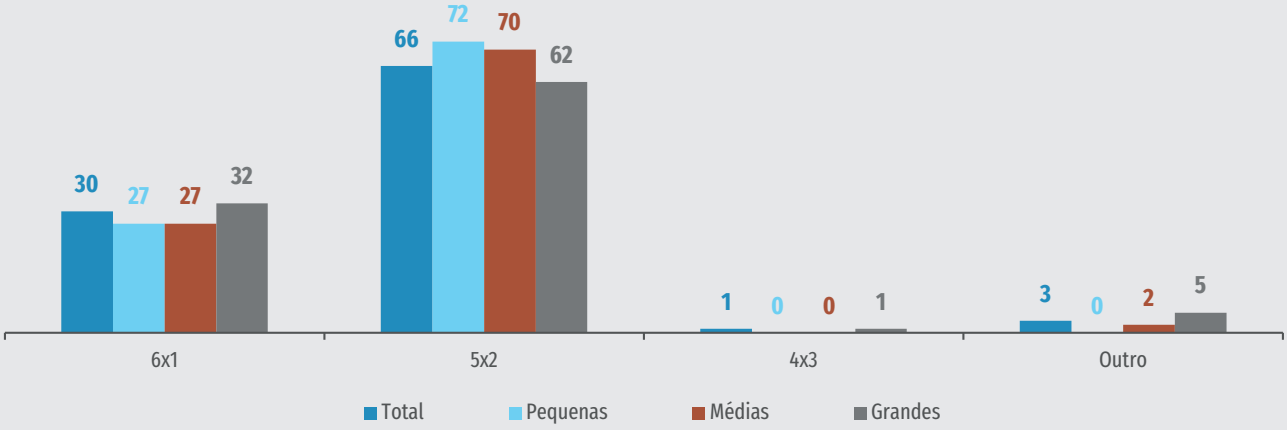
* Excluindo empresas que responderam "Desconheço ou não sei opinar".

Diversidade de escalas de trabalho caracterizam o setor industrial

No que importa às escalas de trabalho, vê-se também bastante variabilidade, 3 em cada 10 indústrias adotam o regime de 6 dias de trabalho por 1 de descanso, 6 em cada 10 adotam o regime 5x2 e o restante, outros regimes diferenciados.

Gráfico 4 – Número de dias de trabalho adotado por semana

*Percentual (%) sobre total de respostas válidas**



* Excluindo empresas que responderam "Desconheço ou não sei opinar".

ISSN 2317 7330 • Ano 26 • Número 104 • Junho 2026

Entre essas escalas diversas estão a 12x36 (doze horas de trabalho por 36 de descanso), o trabalho embarcado (14 dias de trabalho por 21 de descanso), a chamada semana industrial, com seis dias de trabalho, seguidos de dois de descanso; o regime 2x2 (dois de trabalho seguido de dois de descanso); turnos ininterruptos de 4 dias de trabalho e 3 de descanso por semana, bem como escalas 4x4 (4 dias de trabalho e 4 de descanso).

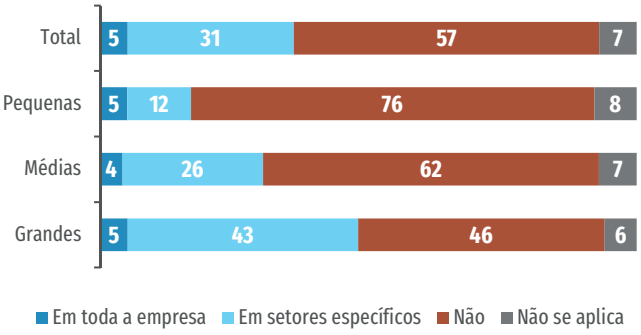
Destaca-se que cerca de 4 em cada 10 empresas adotam alguma escala de revezamento no todo ou em parte de seu pessoal. E entre as grandes empresas uma a cada 2 adota alguma forma de escala de revezamento.

Dentre as empresas que adotam alguma escala de revezamento em setores específicos, destaca-se que a maioria (78%) a adota especialmente na linha de produção da empresa. Por porte, são 68% das pequenas empresas, 81% das médias e também 81% das grandes empresas.

A segunda atividade dentro da empresa em que há maior adoção de escalas de revezamento é a de segurança ou vigilância, com 20% das empresas a adotando. Por outro lado, conforme indica o gráfico 6, enquanto médias e grandes indústrias têm menor volume de adoção de escala de revezamento de trabalho nas áreas de recebimento expedição e logística e na área administrativa, nas pequenas indústrias esses percentuais são maiores.

Gráfico 5 – Adoção de escalas de revezamento pelas indústrias

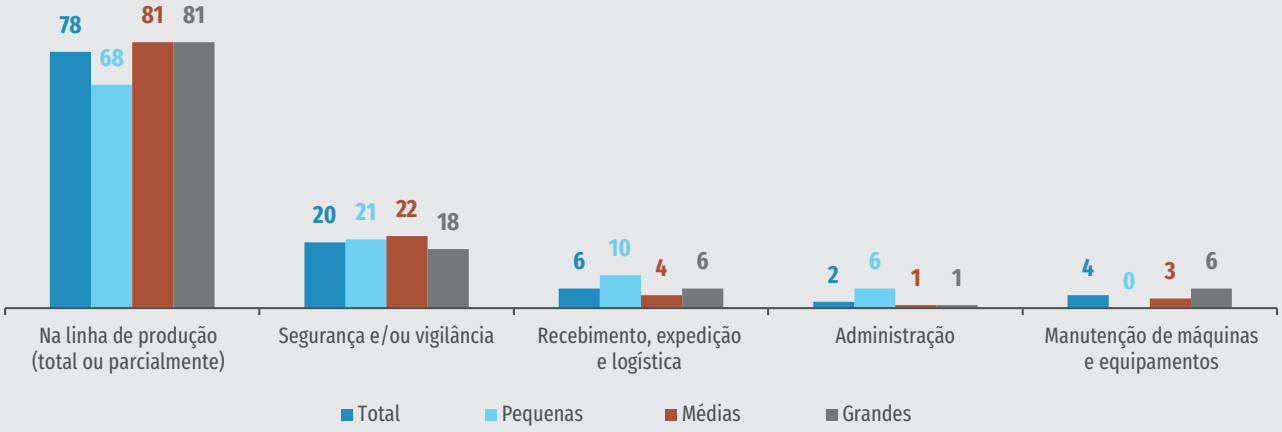
*Percentual (%) sobre total de respostas válidas**



* Excluindo empresas que responderam "Desconheço ou não sei opinar".

Gráfico 6 – Setores da empresa em que é adotada alguma escala de revezamento

Percentual (%) sobre total de empresas que adota escala de revezamento em setores específicos



Nota: As empresas deveriam assinalar todos os setores nos quais são adotados alguma escala de revezamento, de forma que a soma dos percentuais superam 100%.

ISSN 2317 7330 • Ano 26 • Número 104 • Junho 2026

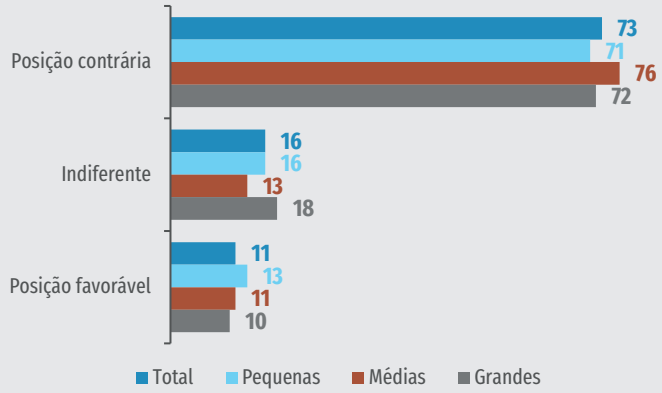
3 PERCEPÇÃO DA INDÚSTRIA SOBRE REDUÇÃO DA JORNADA E FIM DA ESCALA 6X1 E SEUS IMPACTOS PARA O SETOR

Maioria da indústria discorda da redução da jornada e do fim da escala 6x1

Em um cenário tão variado, a maioria das empresas têm posição contrária às mudanças, por lei, dos limites semanais (jornada) de trabalho sem redução de salários e da adoção da escala 6x1. Nesse sentido, 3 em cada 4 indústrias rejeitam a redução, por lei, da jornada de trabalho de 44 para 40 horas. Quanto à proibição da escala 6x1, cerca de 6 em cada 10 empresas rejeitam a proposta. Em sentido inverso, somente 1 em cada 10, e 2 em cada 10 apoiam, respectivamente, a redução da jornada e a proibição da escala 6x1, conforme apontam os gráficos 7 e 8.

Gráfico 7 – Posição sobre redução da jornada de 44 para 40 horas

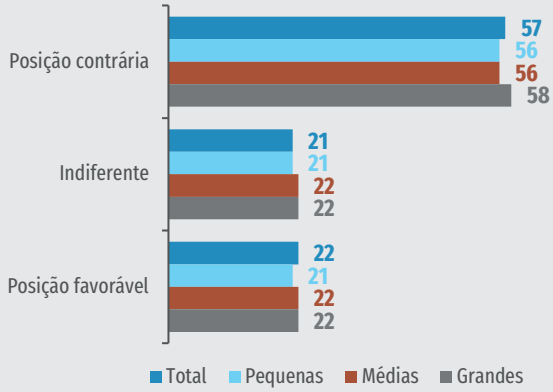
*Percentual (%) sobre total de respostas válidas**



* Excluindo empresas que responderam "Desconheço ou não sei opinar".

Gráfico 8 – Posição sobre proibição da escala 6x1

*Percentual (%) sobre total de respostas válidas**



* Excluindo empresas que responderam "Desconheço ou não sei opinar".

ISSN 2317 7330 • Ano 26 • Número 104 • Junho 2026

Empresários apontam que redução da jornada e fim da escala 6x1 irão aumentar custos e reduzir competitividade, produtividade e benefícios da negociação coletiva

Os empresários industriais projetam uma série de impactos prováveis em caso de aprovação de alguma proposta de redução da jornada e/ou de proibição da escala 6x1.

A consequência mais frequentemente apontada é o aumento dos custos diretos com empregados: 85% das empresas concordam total ou parcialmente que as propostas podem aumentar esses custos. Logo em seguida, 82% concordam total ou parcialmente que as propostas podem aumentar custos com fornecedores.

Destaca-se também o percentual de empresas (62%) que concordam, total ou parcialmente, com o risco de redução de benefícios estabelecidos por negociação coletiva para compensar a redução do número de horas de trabalho e o consequente aumento do custo da hora de trabalho.

Por outro lado, o percentual das empresas industriais que discorda total ou parcialmente com esses impactos é muito inferior. Nesse sentido, apenas 9% discordam total ou parcialmente que é provável que a empresa sofra aumento de custos diretos com empregados, mesmo percentual de avaliação quanto ao aumento de custos com fornecedores. Ainda, somente 16% discordam total ou parcialmente que haverá perda de competitividade; 17% discordam que haverá redução do volume de produção; 25% discordam que cobrarão seus empregados por ganhos de produtividade para compensar a redução da jornada e 20% discordam que haverá impactos na concessão de benefícios por negociação coletiva. O restante das empresas apresentou posicionamento neutro em relação a esses impactos.

Expectativa de impactos **em caso de aprovação de proposta que reduza a jornada de 44 para 40 horas ou proíba a adoção da escala 6x1**

85% *concordam total ou parcialmente que haverá aumento de custos diretos com empregados*

82% *concordam total ou parcialmente que haverá aumento de custos com fornecedores*

70% *concordam total ou parcialmente que haverá perda de competitividade da empresa*

68% *concordam total ou parcialmente que haverá redução do volume de produção da empresa*

62% *concordam total ou parcialmente que haverá impacto na concessão de benefícios por negociação coletiva*

58% *cobrança de aumento da produtividade dos empregados para compensar a redução do número de horas de trabalho*

ISSN 2317 7330 • Ano 26 • Número 104 • Junho 2026

Indústrias indicam risco alto ou médio de aumento de custos, queda na produção e na produtividade

As indústrias também foram questionadas sobre qual seria o nível de severidade do impacto na empresa em relação aos impactos mais diretos que poderiam sofrer: custo com folha de pagamentos, riscos de queda de produção e perda de competitividade. Nesse sentido, a maior parte das empresas apontou impacto alto para os diferentes aspectos perguntados, conforme os gráficos 9 a 11, a seguir.

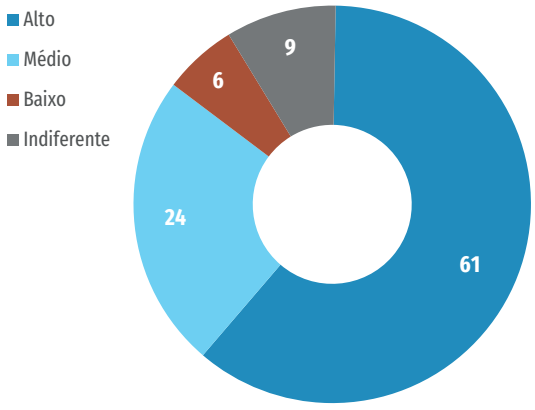
Para 85% das indústrias entendem que o impacto com o aumento de custos com folha de pagamento será elevado ou médio.

Já 81% das indústrias veem risco alto ou médio de queda de produção na empresa.

Para 76% das empresas industriais, a perda de competitividade nos mercados internacional e nacional poderá ser alto ou médio.

Gráfico 9 – Nível no aumento de custos da empresa com folha de pagamentos

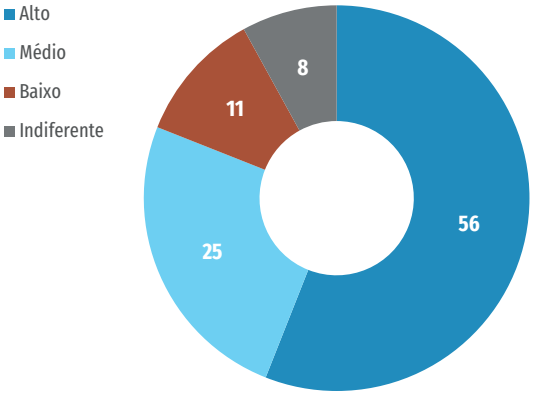
*Percentual (%) sobre total de respostas válidas**



* Excluindo empresas que responderam "Desconheço ou não sei opinar".

Gráfico 10 – Risco de queda na produção da empresa

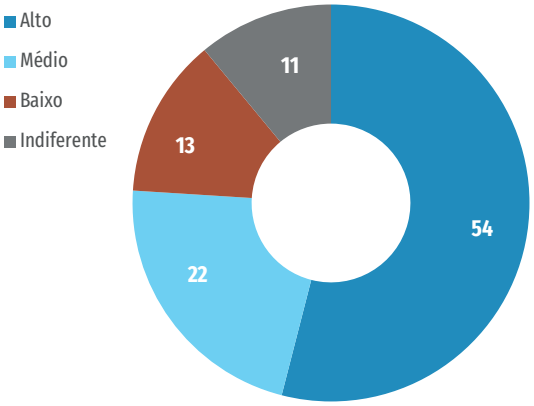
*Percentual (%) sobre total de respostas válidas**



* Excluindo empresas que responderam "Desconheço ou não sei opinar".

Gráfico 11 – Nível de perda de competitividade

*Percentual (%) sobre total de respostas válidas**



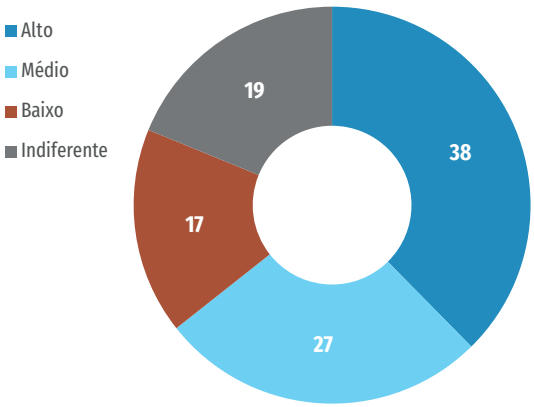
* Excluindo empresas que responderam "Desconheço ou não sei opinar".

ISSN 2317 7330 • Ano 26 • Número 104 • Junho 2026

As empresas também avaliaram dificuldades que enfrentarão em termos de organização do trabalho, em caso de redução de jornada ou fim da escala 6x1. Em especial, analisaram qual o nível de dificuldade que terão com gestão de escalas de trabalho e qual a necessidade que terão de realização de novos turnos de trabalho para compensar a redução da jornada.

Gráfico 12 – Aumento da complexidade na gestão de escalas de trabalho

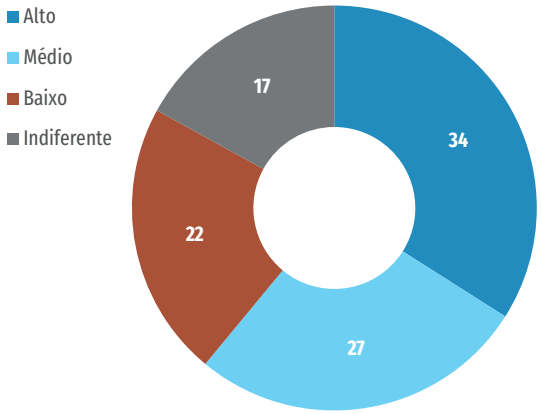
*Percentual (%) sobre total de respostas válidas**



* Excluindo empresas que responderam "Desconheço ou não sei opinar".

Gráfico 13 – Necessidade de novos turnos de trabalho

*Percentual (%) sobre total de respostas válidas**



* Excluindo empresas que responderam "Desconheço ou não sei opinar".

ISSN 2317 7330 • Ano 26 • Número 104 • Junho 2026

Repasse de custos é principal resposta da indústria para redução de jornada/fim da escala 6x1

As indústrias foram perguntadas sobre quais seriam as estratégias adaptativas que adotariam para enfrentar eventual redução da jornada de 44 para 40 horas ou proibição da utilização da escala 6x1, caso fosse possível adotá-las. Vê-se, no gráfico 14, que tais estratégias seriam variadas.

Entre as possibilidades, a mais provável é o repasse de custos ao consumidor, apontado por 51% das empresas. Em seguida estão a realização em investimento de tecnologia de automação, assinalada por 41% e a redução de reajustes salariais ou promoções de empregados para compensar o aumento dos custos salariais assinalada por 34%. Essas seriam as três principais estratégias que devem ser utilizadas.

Além disso, destaca-se que algumas estratégias, como o investimento em tecnologias poupadoras de mão de obra (automação), variam bastante conforme o porte da empresa. Nesse caso, as pequenas empresas são as que têm menor indicação de utilizar essa estratégia, 29% delas. Já as grandes e médias empresas devem adotar com mais vigor o investimento em automação para compensar a perda de horas de produção: as grandes, 49%, e as médias, 42%.

Outra comparação por porte é em relação às mudanças no quadro de empregados. O número de pequenas empresas disposta a reduzir o quadro de empregados para suportar o aumento de custos ,17%, se reduz entre empresas de maior porte, caindo para 10% no caso das grandes empresas. No caso de aumento das contratações para manter o volume de produção, ocorre o inverso: entre as pequenas, 22% apontaram essa possibilidade, percentual que sobre para 39% no caso das grandes.

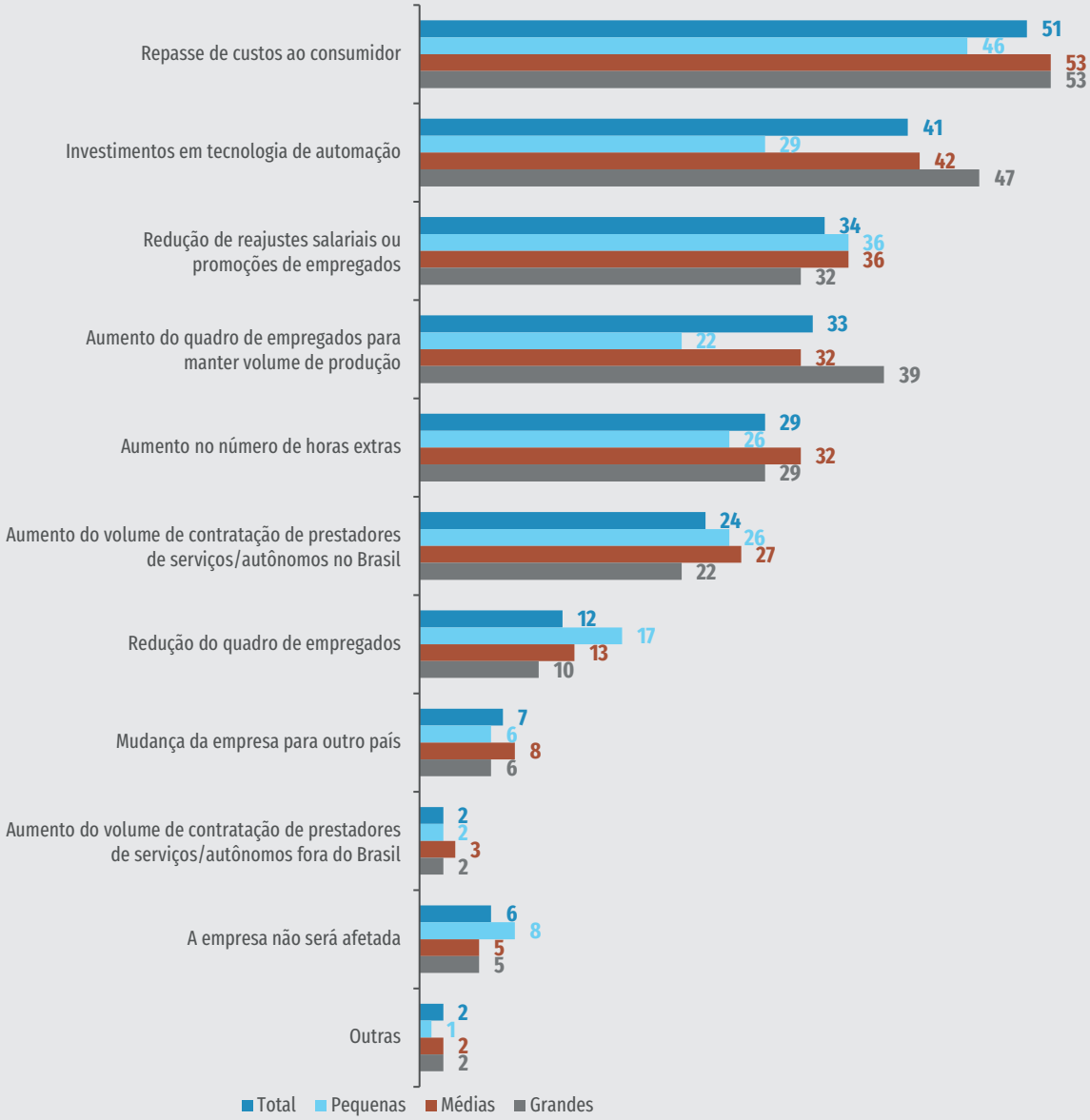
Outra consequência é em relação à redução de reajustes salariais ou promoções pelas indústrias para, ao longo do tempo, compensar o crescimento repentino dos seus custos: 34%.

Destaca-se, ainda, que 7% das indústrias consideram como alternativa deixarem o país, mudando-se para outros países que considerem ter custo do trabalho mais adequado.

ISSN 2317 7330 • Ano 26 • Número 104 • Junho 2026

Gráfico 14 - Possíveis estratégias das empresas para adaptação em caso de redução da jornada e/ou proibição da escala 6x1

*Percentual (%) sobre total de respostas válidas**



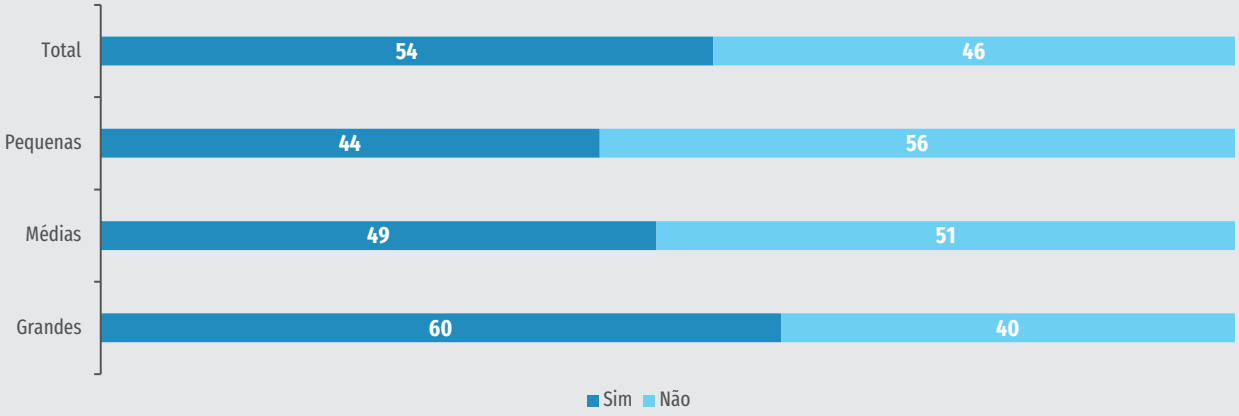
* Excluindo empresas que responderam "Desconheço ou não sei opinar".
Nota: As empresas deveriam assinalar todos os setores nos quais são adotados alguma escala de revezamento, de forma que a soma dos percentuais superam 100%.

ISSN 2317 7330 • Ano 26 • Número 104 • Junho 2026

Por fim, para as empresas uma eventual redução da jornada ou proibição da escala 6x1 poderia alterar suas decisões atuais de investimento ou expansão. 46% de todas as indústrias não manteriam suas decisões atuais de investimento, enquanto apenas 54% manteriam. Esse percentual se modifica por porte da empresa. Quanto menor a empresa, maior o risco de abandonarem seus potenciais investimentos e planos de expansão.

Gráfico 15 – Impacto sobre decisões de investimento

Percentual (%) sobre total de respostas



ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS

Perfil da amostra:
1.366 das indústrias extrativa e da transformação, sendo 579 pequenas (10 a 49 empregados), 459 médias (50 a 250 empregados) e 328 grandes (250 ou mais empregados).

298 empresas da indústria da construção, sendo 112 pequenas (10 a 49 empregados), 131 médias (50 a 250 empregados) e 55 grandes (250 ou mais empregados).

Período da coleta:
2 a 11 de março de 2026.

VEJA MAIS

Mais informações desta pesquisa em: www.cni.com.br/sondespecial

Documento concluído em 30 de junho de 2026.

CNI
Antonio Ricardo Alvarez Alban
Presidente

DIRETORIA DE RELAÇÕES INSTITUCIONAIS
Roberto de Oliveira Muniz
Diretor de Relações Institucionais

Superintendência de Relações do Trabalho
Sylvia Lorena Teixeira de Sousa
Superintendente de Relações do Trabalho

Gerência de Estratégia e Articulação
Andreia de Sousa Lopes
Gerente de Estratégia e Articulação

Pablo Rolim Carneiro
Equipe técnica

Ana Cristina Fechine Pimentel
Brenda Parada Granados
Cristianne de Oliveira Pinheiro Batista
Giselle Ferreira Lima Raulino de Souza Lemos
Isabella Camargo Teixeira
Lennon Nogueira Santana
Lucas Marinho Lima
Marcello Caio Ramon e Barros Ferreira
Matheus Lucas de Deus Vindo
Matheus Souza e Silva Alves
Michelle Mendes Belém Barra
Priscila Pereira Camargo Anes
Rafael Ernesto Kieckbusch
Rodrigo Mombaque Paim
Thayse Edith Coimbra Sampaio
Wilson Corrêa de Araújo Neto
Apoio técnico

DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL
Jefferson de Oliveira Gomes
Diretor de Desenvolvimento Industrial

Mário Sérgio Carraro Telles
Diretor Adjunto de Desenvolvimento Industrial

Superintendência de Inteligência Econômica
Márcio Guerra Amorim
Superintendente de Inteligência Econômica

Gerência de Análise Econômica
Marcelo Souza Azevedo
Gerente de Análise Econômica

Gerência de Dados e Estatística
Edson Velloso
Gerente de Dados e Estatística

Edson Velloso
João Pedro Moreira Pupe
Equipe técnica

Superintendência de Inovação e Tecnologia
Carlos Alberto Schuch Bork
Superintendente de Inovação e Tecnologia

Gerência do Escritório de Projetos e Iniciativas
Paula Bucchianeri de Nadai
Gerente do Escritório de Projetos e Iniciativas

Simone Marcia Broch
Produção editorial, projeto gráfico e editoração

DIRETORIA CORPORATIVA
Cid Carvalho Vianna
Diretor Corporativo

Superintendência de Desenvolvimento Humano
Flavia Azevedo Moreira de Morais
Superintendente de Desenvolvimento Humano

Gerência de Desenvolvimento e Relacionamento
Carolina Maia Vendramine
Gerente de Desenvolvimento e Relacionamento

Alberto Nemoto Yamaguti
Normalização

CNI
Confederação
Nacional
da Indústria